

Filosofia do envelhecimento: a dialética dos contrários

*Izabel Bellini Zielinsky**

Resumo

A filosofia percebe o envelhecimento humano dentro do paradoxo dos contrários. A juventude e a velhice coexistem num espaço de corpo e de alma desde o nosso nascimento e os contrários tornam-se um só num diálogo em que nunca desaparecerão. O envelhecimento humano é o belo em si mesmo, como o jovem em si mesmo e tudo o mais que a validade em si mesma contenha de saber eterno. O fim e o início, os segundos e o nada, os opostos e os contrários falam à natureza humana em sua mais alta voz, habitando o corpo com o paradoxo da juventude e da velhice.

Palavras-chave: Contrários. Dialética. Paradoxo.

[...] pois estavas dominado pelo medo
pueril de que um vento qualquer
possa soprar sobre a alma no momento de
sua saída do corpo para despertá-la,
sobretudo quando, por pura coincidência,
há uma brisa forte no instante de
morrermos.

Sócrates (Platão):
fragmento do diálogo de Fédon

A filosofia percebe o envelhecimento humano dentro do paradoxo dos contrários: parece uma cabeça ligada a um corpo duplo! Platão, no diálogo sobre a morte de Sócrates (470-399 a.C.), através da juventude de Fédon, seu discípulo, mostramos que existe uma absoluta necessidade de viver, necessidade invariável mesmo para aqueles para os quais a morte seria preferível à vida. A juventude e a velhice coexistem num espaço de corpo e de

* Filósofa e poeta. Coordenadora da Oficina de Filosofia e Poesia do Instituto Fernando Pessoa, Porto Alegre - RS.

Recebido em maio 2006 e avaliado em set. 2007

alma desde o nosso nascimento. Quando a libertação do pensamento atinge a verdade que deseja investigar, com a ajuda do corpo, sobre a questão do mais novo e do mais velho, esta liberdade consiste no ato de raciocinar e de apreender a realização de um ser sempre a devir. Eis, pois, o que devemos examinar em todos os casos em que existe um contrário – juventude e envelhecimento. Um não nasce sem que o seu próprio contrário com ele habite e, quando uma coisa se torna maior, não é necessário que tenha sido menor para em seguida tornar-se maior. Sócrates citaria: “Ignoras tu que os amantes, à vista de uma lira, de uma vestimenta ou de um qualquer outro objeto que seus amados habitantes se servem, rememoram a própria imagem do amado a quem este objeto pertencia?” Portanto, se prestarmos atenção com transcendência a esta metáfora de citação de imagem, seremos remetidos a dois corpos que são Um, em um mesmo pensamento: juventude e velhice.

“Logo, a igualdade dessas coisas não é o mesmo que o igual em si?” É necessário que tenhamos anteriormente conhecido o igual, mesmo antes do tempo, em que a visão das coisas iguais nos dê o pensamento de que todos eles aspiram a ser: “Tal qual igual em si”. Então, antes de nascer conhecíamos não apenas o Igual, como o Maior, o Menor e tudo o que é da mesma espécie. E, também, o envelhecimento humano é o belo em si mesmo, como o jovem em si mesmo e tudo o mais que a validade em si mesma contenha de saber eterno. Na reminiscência de Sócrates, o “instruir-se”, que consiste em rever um conhecimento que já nos pertencia, remete-nos à tarefa muito difícil de encontrar os dois corpos

dentro de nós, ou dentro do “eu”. Essas coisas compostas, que mudam e não mudam e formam a nossa identidade, através do visível e do invisível, sempre em mutação na linha do tempo e da nossa temporalidade, têm de ser liberadas como um começo e um fim que se unem num só destino de alma.

Na filosofia do envelhecimento esse estado de alma acompanha a transcendência do ser que não finda, mas, como um “eterno retorno”, impulsiona-se para um futuro de humanidade. Dentro de uma concepção atual de manifestação do ser, teríamos um sobrevôo de “super-homem”, onde a juventude e a velhice coexistiriam com o mesmo propósito das coisas pequeníssimas e grandíssimas e onde, nos prós e contras, a sabedoria existiria como uma mistura do superior com o inferior, jamais permanecendo estável em seu lugar. Nenhuma outra coisa, a princípio, deseja tornar-se o seu contrário – o “contrário em si”. Porém, é este contrário que se forma dentro do objeto contrário, e o contrário da vida pode ser a morte, e o contrário do harmônico é o desarmônico, e o contrário da juventude é a velhice. Então, segundo Sócrates, os contrários tornam-se um só num diálogo em que nunca desaparecerão.

A juventude e a morte assumem seu pleno sentido e toda uma trajetória de vida torna-se orientada pela reflexão, pela razão e pelo amor à sabedoria. A procura da verdade, desde o corpo como um “bem maior”, acompanha o envelhecimento como uma recuperação da juventude, onde os fragmentos selecionados como parte de uma vida demonstram a convicção filosófica de um poder de sabedoria

a ser passado num cenário onde ele acontece. Neste diálogo de tese, síntese e antítese, a genética demonstra-nos que a linha do tempo não é tão reta assim, podendo levantar-se e mover-se para todos os lados, envolvendo o “ser aí”. Desvendar as coisas do mundo, dentro da própria filosofia, reporta-nos a beber em velhas fontes e a trazer para o presente o retido em si, desde onde emerge nossa linha do tempo – passado e presente –, ecoando dentro de um mesmo corpo.

Pelo conceito ocidental, esse duplo sentido de corpo muitas vezes é separado do Um, deixando um lugar vazio dentro de um espaço que existe para ser habitado. Esta falta de manifestação excluída leva-nos a manifestações de falsas interpretações acerca de tempo na nossa linha do tempo. Falta-nos aí a reflexão de conseguir enxergar além e nos fazer entender a necessidade da existência com a não-existência. O fim e o início, os segundos e o nada, os opostos e os contrários falam à natureza humana em sua mais alta voz, habitando o corpo com o paradoxo da juventude e da velhice, como um só sobrevôo de metáfora viva.

Esse Cravo, com o qual somos pregados nesse pano de fundo, onde tudo se coloca em harmonia, onde tudo volta à essência e a uma liberdade de vôo em um estado de alma, esse Cravo de verbo, que acompanha o nosso envelhecimento, solta-se quando sopra a brisa do voltar a ser a humanidade.

Philosophy of aging: dialectic of the contrary

Abstract

Philosophy perceives human aging within the contrary paradox. Youth and old age coexist in one body and soul space since our birth and the contrary become only one in a dialog in which they will never disappear. Human aging is the beautiful in itself, like the young in itself and everything else that validity in itself contained of eternal knowledge. The end and the beginning, the seconds and the nothingness, the opposite and the contrary speak to human nature in their highest voice, inhabiting the body with the youth and old age paradox.

Key words: Contrary. Dialectic. Paradox.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BLACKBUKRN, S. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CENTENO, Y. *Fernando pessoa e a filosofia hermética*: fragmentos do espólio. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- COELHO, A. P. *Fernando Pessoa*: textos filosóficos. Lisboa: Ática, 1968. v. I e II.
- FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LÉVINAS, E. *Noms propres*. Paris: Fata Morgana, 1976.
- MESTRE ECKHART. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, 1999.

PLATÃO. *Diálogos* – Fédon, sofista, político. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

PLATÃO. O horizonte da metafísica. In: REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, D. G. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, Porto Alegre, 1994.

SOUZA, R. T. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

TREVISAN, A. *Reflexões sobre a poesia*. Porto Alegre: InPress, 1993.

Endereço

Izabel Bellini Zielinsky

Av. Cristóvão Colombo, 3038/303

CEP 90560-002

Porto Alegre – RS

E-mail: izabelzielinsky@terra.com.br